



OBSCURED BY CLOUDS

Recontado por
Wallace Fauth

PINK
FLOYD

mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Pink Floyd
OBSCURED BY CLOUDS
recontado por
WALLACE FAUTH

NOVEMBRO DE 2008
VOLUME 84

MOJO
BOOKS

PINK FLOYD OBSCURED BY CLOUDS

recontado por
WALLACE FAUTH

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Obscured by clouds
2. When you're in
3. Burning bridges
4. The gold it's in the...
5. Wot's...Uh the deal
6. Mudmen
7. Childhood's end
8. Free four
9. Stay
10. Absolutely curtains

PINK FLOYD OBSCURED BY CLOUDS

LANÇAMENTO: **1972**
SELO: **CAPITOL**



OBSCURED BY CLOUDS

E10 Cultura e Variedades JORNAL MUNDO

Quinta-feira, 11 de setembro de 2670

José Antunes Moreira é o homem mais velho do mundo. Ao completar setecentos anos, hoje, na eterna Cidade Maravilhosa, achou por bem conceder-nos uma entrevista. Homem recluso, abriu essa exceção por considerar “um charme de muito bom gosto” existirmos como jornal impresso. Aliás, “seu Antunes”, como é conhecido na região onde mora, é nosso assinante há séculos e assim permaneceu mesmo depois de praticamente todos os jornais deixarem de existir nesse formato. Escritor voraz, nunca conseguiu parar de escrever “à mão” em seu velho e ultrapassadíssimo *notebook*.

Nada há de novo em suas declarações. O inusitado da situação está em justamente ser o único sobrevivente de uma época em que ainda era necessária a utilização de automóveis para se locomover. O único que chegou a ver a luz elétrica como uma das maiores invenções humanas. Todos estudamos História e temos condição de saber quem foi Shakespeare ou Camões, mas nenhum deles está vivo para nos dizer com suas próprias palavras o que foi aquele momento histórico quando ainda se acreditava que,

depois do horizonte, mar adentro, encontraríamos um abismo. Imaginem os mistérios que rondavam o espírito humano em um período de muitas ilhas desconhecidas! O que temos aqui, neste momento, é quase isso: José Antunes, nascido em 1970, é o homem mais velho do mundo, capaz de nos contar como era a vida em uma época praticamente sem comunicação. Confira nossa entrevista exclusiva.

Jornal Mundo – *Como se sente tendo sobrevivido àqueles séculos com tantas doenças e Guerras Mundiais?*

Antunes – Simplesmente fui um homem de sorte. Nada mais do que pura sorte. Sempre estive, nas horas certas, nos lugares certos. Sei que sou duzentos anos mais velho do que o mais velho dos homens já que, agora, praticamente adquirimos a eternidade. Hoje, se não fossem os acidentes naturais, o homem seria eterno, coisa inacreditável naqueles dois séculos que precederam as Grandes Conquistas Humanas. Até meados do século XXII, como sabemos, o homem ainda não havia desenvolvido totalmente o remédio, como eu costumo chamar, que evita o desgaste de nossas células levando o homem a ter vida eterna. Batizado de Elixir da Longa Vida, o tratamento, em princípio, só era possível às pessoas que dominavam o mundo de então. Ainda estávamos na época em que o planeta era dividido em países e cada um tinha seu exército! Não havíamos nos livrado do egoísmo – levado às últimas conseqüências possíveis entre os séculos XX, XXI e início do XXII. Matar o outro passou a ser como um dos jogos eletrônicos

da época. Ainda havia jogos eletrônicos! Além de fios e fios e mais fios. Vivíamos enovelados em labirintos de tecnologia. Os homens jogavam de tudo, e tudo o que faziam valia pontos. Proezas no emprego, só para se ter uma idéia, também valiam pontos. A vida era um grande jogo em que cada um queria sempre ser melhor do que o outro. Fosse na paz, fosse na guerra. Para movimentar a economia, ganhava mais pontos quem se vestia de jacaré ou outras coisas esdrúxulas que eram bordadas nas roupas e, no fim, os pontos eram somados para, a partir de então, as pesquisas ditarem o status social do sujeito. Desde a década de 1980 já havia revistas mostrando os “mais ricos”, mas a tecnologia avançou tanto que não se sabia se o mais rico era quem tinha mais aparelho eletrônico ou quem se vestia com as roupas da mais renomada marca. Então criou-se uma tabela de pontos: cada ato financeiro seu ia sendo contabilizado pelo seu banco que, por sua vez, ia definindo quem era você perante a sociedade. Como eu não tinha esse espírito competitivo e vivia, por isso mesmo, na clandestinidade, nunca obtive muitos pontos e, por isso, foi um milagre permanecer vivo até hoje, pois quem adquiria mais pontos era quem, “coincidentalmente” tinha mais direitos sociais.

JM – *Falando em guerra e competições, hoje parece inacreditável como as pessoas matavam umas às outras!*

A – O que me impressiona mais é termos chegado a esse nível que chegamos hoje! Sinceramente, nunca imaginei que o homem conquistasse

a eternidade. Eu ainda duvidava da inexistência de Deus, sabe. Sempre fui muito cético. Além disso, as igrejas multiplicavam-se de tal forma que, por vezes, cheguei a acreditar que voltaríamos à Idade Média. Havia gente que pensava que a ida do homem à Lua era uma montagem de televisão. É, vivi na época áurea da televisão! Era um aparelho grande e pesado que ficava sobre um móvel. As pessoas sentavam-se em um sofá e ficavam horas e horas paradas olhando para aquela coisa. Sempre me incomodou a maneira como o homem gastava seu tempo, ainda mais numa época em que se vivia tão pouco. Menos de cem anos! Boa parte das pessoas mal chegava aos oitenta. A pele do rosto ia ficando enrugada... Era como se víssemos as pessoas morrendo antes de serem enterradas. Iam secando, imagine... Uma coisa horrível. Houve um período em que se tentou valorizar esses mortos-vivos, pois já sabíamos que o espírito humano vai sempre se aperfeiçoando, independentemente do corpo, mas a sensação era de que a sociedade tinha pena, porque a morte, naquela época entendida como inevitável, estava já estampada naqueles rostos. Quando a pele ficava sulcada, todos sabíamos: no máximo em vinte anos aquela pessoa deixaria definitivamente de existir. E, quando superava as expectativas, faziam-se festas! Festa porque alguém completou cem anos! Pode acreditar nisso?

JM – *Conte-nos detalhes do dia-a-dia. Coisas corriqueiras que não se usam mais, mas que eram comuns no século XX.*

A – Uma coisa bastante interessante era o dinheiro. Sabe o que era

o dinheiro, não é mesmo? Um papel nojento passado de mão em mão, amassado em bolsos de calças suadas ... E as pessoas olhavam com brilho nos olhos para aqueles pedaços de papel sujo. Havia, já no século vinte, várias formas de pagar pelas coisas: cartão, cheque, depósito bancário, mas nenhuma superava o pagamento em dinheiro. As notas nojentas é que valiam. E valiam vidas! Tanto que me lembro de chamarem o pagamento em dinheiro de pagamento em dinheiro ‘vivo’! Como as explorações de minas ocorridas no século XIX, Califórnia, Potosí, adquiria-se e guardava-se o dinheiro com sofreguidão doentia. Pode-se dizer que foi a “busca do ouro” do século vinte, do vinte um e de meados do vinte e dois. Graças a Deus isso acabou.

JM – *Graças a Deus?*

A – Estou mesmo velho (risos). Expressão antiga que, já naquela época, não remetia a deus nenhum. Apenas um desabafo, um livramento de grilhões que lembram o Inferno de Dante. Aliás, esse mesmo Dante foi essencial para que a idéia de Deus sobrevivesse por tantos séculos. Um artista desses viveu, dentro das suas limitações, uma verdadeira eternidade. Sempre gostei dos artistas. Devem realmente ter sofrido muito em vida, sabendo das possibilidades de serem eternos e verem-se condenados à imundície do atraso humano. Sempre gritando, sempre sofrendo muito, tratados como loucos se vivessem como agora vivemos, seriam espectadores de uma grande ironia: seus trabalhos supervalorizados! Mais, muito

mais mesmo, do que realmente valiam. No entanto, a intenção deles era só avisar, alertar; pois a vida é muito mais do que aquelas lutas imbecis do dia-a-dia – coisas tão pequenas, irritações idiotas que faziam os homens latirem como cães só por causa de algum vulto obscuro saído das nuvens do cotidiano. Nunca quiseram enriquecer com sua arte, nem pensavam nisso, apesar de necessitarem de um mínimo de dignidade humana. O que queriam, o que tentavam, era simplesmente mostrar uma verdade. Verdade de milhares de anos, tão inconcebível para sua época quanto não concebemos, hoje, que, em 1800, a merda depositada em um penico era simplesmente varejada janela abaixo. Já no século vinte achávamos isso inacreditável – ai de quem estivesse passando por ali naquela hora! Apesar de essa atitude normalmente acontecer nas madrugadas, alguns poetas e trovadores vagavam pelas ruas naquele horário e não é difícil imaginar por quantas merdas tiveram de passar. Já estou entrando no plano das paixões. Voltemos ao dinheiro, que não deixava de ser outra merda constantemente jogada pela janela em shoppings centers: penicos do século XXI! Ali as pessoas, fingindo-se seguras e eternas, gastavam suas noites buscando as luzes artificiais, desperdícios puros de energia. Se vivessem hoje, talvez fossem infelizes. “Cadê os enormes espaços iluminados”, perguntariam?! Foi muito difícil para o homem descobrir os megatons da iluminação interior. Foram necessários muitos anos de colapso energético, de desgastes, de mortes por causas aparentemente naturais, para que, ao quase apagar das luzes, a

idéia de que fazíamos parte de um suicídio coletivo chegasse à consciência humana. Então, no final do século XXII, nos estertores do planeta, o homem finalmente começou efetivamente a viver. E nada melhor do que o culto à vida para trazer mais vida, pois, apesar de modernas e computadorizadas, as pessoas pareciam sempre estar preparando-se para a morte. Morrer direito para ter direito ao “paraíso lá em cima”. Só estamos vivos, hoje, porque encontramos-nos conosco, finalmente. Foi preciso que o mundo entrasse em colapso real para que realmente as pessoas entendessem que o mundo acabaria mesmo e isso não era coisa de longo prazo. E eu, imbuído do pessimismo generalizado, crente na idéia do fim do mundo como fato naturalmente inevitável, perdia-me de mim mesmo em busca de respostas para perguntas impossíveis de tão mal formuladas – hoje entendemos. Os questionamentos infantis dos platões, dos aristóteles e de todos os filósofos subseqüentes foram supervalorizados, o que atrasou ainda mais nossa evolução. Só mesmo no desespero de quase morrermos todos é que conseguimos nos livrar das amarras do pensamento humano e passamos a descobrir que o nosso instinto nada tem a ver com o do animal. Já se falava disso sem saber no século XX, quando vários nomes como intuição, sexto sentido, esoterismo e uma profusão de religiões e crenças estavam apontando, na realidade, para um só lugar: esse instinto humano, eminentemente humano. Após aquele famoso colapso, sem mais preocupar-se com guerras e gastos desnecessários, voltando-se unicamente para o

próprio bem-estar, a humanidade pôde, finalmente, crescer e fazer com que pudéssemos estar onde estamos hoje. E eu dei sorte de estar justamente nessa transição. Outros também tiveram a mesma sorte, mas não eram tão velhos quanto eu, na época.

JM – *Conte-nos sobre a vida prática. O dia-a-dia. O excesso de automóveis, por exemplo. Outro dia comentava-se muito sobre os engarrafamentos e a poluição. Como era viver aquilo?*

A – Desculpe. É muita emoção. Afinal, não é todo dia que se completa setecentos anos (risos). Bem, vamos às práticas antigas.

Acondicionavam-se líquidos em garrafas. Vidro, plástico, materiais diversos... Eram caminhões de garrafas trafegando nas estradas. O lixo produzido diariamente era imenso.

Existiam lojas físicas. Ocupavam-se espaços impensáveis. Um shopping center ocupava o equivalente a um bosque! E o pior: A maior parte da construção servia apenas para estacionar os tais automóveis. Quase se poderia dizer que, em uma grande cidade, para cada ser humano havia um automóvel. Durante um bom tempo, ter um estacionamento foi um grande negócio.

As músicas eram ouvidas em caixas acústicas de todos os tamanhos que se possa imaginar: desde as mais gigantescas até as miniaturas que se enfiavam por dentro das orelhas num incômodo sem par!

Devo continuar?

JM – *Claro! É esse ritmo que queremos. Afinal, é raro, nos dias de hoje, alguém se predispor a manifestar-se por um meio de comunicação tão antigo como o jornal impresso. Aliás, você sabe que há muitas reservas com relação a essa prática.*

A – Abrindo um parêntese, se me permite...

JM – *Esteja à vontade!*

A – Em primeiro lugar, nunca deixarei de ser escritor. Prefiro assim. Adaptei-me bem assim e não pretendo mudar. Sei que sou um dos últimos a utilizar esse tipo de recurso, mas prezo demais os dedos e continuarei nesse método antigo e demorado que é digitar. É mais do que um passatempo.

JM – *Às vezes não escapa?*

A – Sim. Acontece. A mente sempre quer ser mais do que o corpo. Saímos da luta entre homens para entrarmos na luta da mente contra a matéria. Cada corpo tem sua própria história de traição. E a gente não sabe se ri do bobo do corpo ou se respeita sua vingança quando envia as famosas e não menos eternas de tão antigas dores de cabeça! O que acontece, às vezes, é sair uma palavra ou outra que foi só pensada, adiantando-se aos meus dedos, que não estão mais habituados a digitar palavras no dia-a-dia. Isso é a mente pregando peças. Nessas horas é que a amarro aos meus dedos e digo-lhe que não é a única dona da situação, pois eu só serei eu mesmo se todos trabalharmos em conjunto. Ter consciência integral de si mesmo não é tão fácil, pois sendo tantas pessoas ao mesmo tempo... É muito difícil,

ainda, para nós, encarar essa eternidade. O grande desafio, agora, é, depois de séculos e séculos de regras, aprender a conviver com o caos. Isso me fez lembrar de um seriado de TV muito antigo, quem estudou vai se lembrar da chamada Guerra Fria, quando o mundo ainda era dividido em países independentes. Nesse seriado, havia uma eterna luta entre agentes secretos do Controle, representando o que era os Estados Unidos e a Kaos, que representava os interesses dos países da União Soviética. Enfim, o Controle sempre vencida a agência Kaos. Nunca imaginei que o caos sairia vencedor em alguma coisa. A Consciência Humana dispensa regras rígidas, mas ainda temos dificuldades de adaptação. Creio que depois de uns dois ou três milênios conseguiremos vencer essa nossa falha. Afinal de contas, temos a eternidade para aprendermos a ser cada vez melhores (risos).

Se John Lennon fosse vivo, hoje, talvez cunhasse a frase: “o sonho acabou, vamos encarar a eternidade”. “Eternidade”, agora, é o grande dilema humano. Viver é muito bom, mas tem hora que cansa. É pior do que o que chamávamos “realidade” nos séculos XX e XXI. Nossa pior condição é, como sempre, aquela que nós mesmos criamos: viver eternamente.

JM – *Você abriu um parêntese enorme. Em primeiro lugar, disse que não abandonaria o ato de digitar, tão antiquado. E em segundo lugar?*

A – Acho muito charmoso ter em mãos um jornal impresso. Ainda mais fabricado à maneira antiga, em papel que suja nossas mãos. Ter o prazer de jogar algo no lixo! Faz tempo que não sei o que é isso! Até arranji um

recipiente, uma lata de lixo à moda antiga, só para colocar o jornal de vocês depois de lido. Delicio-me com essa leitura suja e, depois, amasso tudo com imenso prazer e deposito no latão, hoje tão inapropriado! Lembro-me de quando, em plena época da Ecologia, o homem começou a pensar na poluição – porque a grande tragédia batia às portas: a quantidade de lixo produzida era maior do que a quantidade de “coisas” consumidas. Era chique o desperdício. Havia várias lanchonetes que vendiam uns sanduíches para levar pra casa. Era tanto papel jogado fora! Eu comia um pão com queijo e enchia uma lata de lixo inteira só com a papelada do embrulho. Era como se as árvores frutificassem em árvores. Do mesmo modo como diziam que “Dinheiro não dá em árvore”, eu pensava: “árvore também não!” (risos).

Continuando as curiosidades, a mais interessante era a linguagem. Havia cursos diversos para que as pessoas aprendessem a maneira de falar umas das outras. Minha falecida namorada achava impressionante que quase não falávamos um com o outro: bastava que nos olhássemos nos olhos. A partir de 2040, idéias corriqueiras eram transmitidas só de passar perto um do outro. As palavras sempre foram os maiores entraves da humanidade. Os filósofos já reclamavam disso, mas era o que tínhamos. A possibilidade de dar margem a interpretações diversas era o principal motivo de paixão dos escritores pela palavra escrita. Já os poetas... Escreviam em forma de versos justamente porque já sabiam que quanto mais palavras pusessem em uma folha de papel, menos seriam compreendidos. Hoje parece risível, mas só

eu sei como isso era cobrado das pessoas. Todos necessitavam aprender fisicamente as palavras de outra gente. É inacreditável, para quem viveu aqueles tempos, conceber tamanho esforço para se comunicar. Era o tempo dos fios, interligando as pessoas. Olhando agora, é realmente admirável a capacidade de crescimento do homem, sobretudo com tamanha consciência. Ainda me impressiona o fato de chegar a qualquer lugar do mundo, olhar bem para a pessoa e pedir uma água sem pronunciar uma palavra. Nem por isso deixo de escrever. E se querem que eu me pronuncie em público sobre o viver antigo, que leiam seu jornal (risos).

JM – *Então continue. O que mais?*

A – Existia uma droga chamada Viagra. Tratava-se de uma grande descoberta do século XXI: os homens tinham, como eu ainda tenho, por ter vivido na época anterior à manipulação genética, uma tripa dependurada no meio das pernas e era preciso que aquilo endurecesse para que se fizesse o tal do sexo. Primeiramente entre homem e mulher, mais tarde foi bem aceito que a coisa acontecesse entre dois homens e entre duas mulheres, neste último caso uma incógnita para muita gente, como se aquela tripa fosse imprescindível. Para que servia aquilo? Veja só! Chega a ser ridículo pensar que muitas mortes foram causadas por aquela coisa! Foi muito engraçado quando, lá pelos idos de 2200, os paus – essas tripas que os homens levavam no meio das pernas, quando ainda havia diferenças entre homens e mulheres – foram atrofiando e morrendo. Alguns representantes da classe

dos machos, com todos os resquícios animais da ancestralidade pueril, suicidaram-se. Para o “Homem”, o “macho”, era inimaginável uma vida digna sem o seu pau. Vocês podem estar achando graça, mas existiam banheiros para homens e para mulheres! Nossa, parece tão absurdo, hoje! Tínhamos muito medo dos outros, e tínhamos vergonha de nós mesmos.

JM – *Somos, então, um bando de sem-vergonhas? (risos)*

A – Olhe bem. O ser humano sempre foi e continuará sendo antagonônico. A diferença é que hoje sabemos o que é isso e não há mais problemas. Havia grupos não desenvolvidos, como os índios, que andavam nus e pintavam o corpo. Ninguém encarava aquilo como ofensivo. Acho que esqueciam de que eram também pessoas. Tratavam-nos como animais de zoológico (já ouviu falar em zoológico?). No entanto, em vez de pintar o corpo, as pessoas cobriam-se com panos coloridos, o que dava na mesma: a diferença, nesse momento, era que os “não-desenvolvidos” eram muito mais avançados para a época e só agora somos capazes de entender o porquê: a vida! O mais importante, para eles, era a vida!

Outra coisa bastante significativa era a utilização de água e de energia elétrica. Sabe-se, hoje, que essas coisas eram desperdiçadas, mas só quem viveu naquela época pode saber: jamais passou pela cabeça de qualquer ser humano, durante dois séculos e meio, que uma residência pudesse ser desprovida totalmente de água e de “luz”, que era como chamavam a eletricidade no século XXI. Chegou-se a tal ponto que quase todos os objetos

que um homem possuía necessitavam de uma fonte de energia elétrica! Uma tomada: dois buraquinhos na parede em que enfiávamos nossos fios para fazer funcionar a vida, para carregar nossas baterias. O mundo estava totalmente apoiado em alicerces de energia artificial. A Humanidade era, então, movida à bateria. Hoje, quando se pensa nisso, parece inacreditável, não? Os meninos aprendem isso na escola, mas eu vivi naquela época e sei como era ruim quando começaram os apagões: a gente não fazia mais nada. Foram necessários quase três séculos para que conquistássemos essa independência total de que dispomos hoje.

JM – *Você falou em “sorte” por ter sobrevivido aos séculos XX e XXI. Como foi isso? Hoje, somente você foi testemunha desses dois séculos. Tudo o que se sabe são estudos sem testemunhas concretas. O que aconteceu, exatamente?*

A – A minha sorte decorre do grande avanço tecnológico e científico iniciado com a era dos antigos “computadores”. A cada vez que eu estive para morrer com alguma doença nova – foram várias as que apareceram nos anos 2000 – a cura era descoberta. As pessoas iam morrendo e eu sobrevivia. Ia ficando velho, descobriam um jeito de prolongar a vida. Fui indo. Vamos dizer assim, que sempre sobrevivi até o limite. Enquanto todos morriam, lá estava eu, firme e forte, querendo estar vivo e pronto para mais uma vez ser salvo por uma nova descoberta, uma nova vacina, etc.

JM – *E hoje? O que se manteve, de lá para cá?*

A – O que se manteve? Posso resumir em três coisas bem básicas, mas que para mim são fundamentais para a sobrevivência: a praia, a cachoeira, e a estrada, esta última como diversão, não mais por necessidade.

JM – *Tem algum projeto em mente, além de escrever?*

A – Estou com um plano diabólico para o passado. Aproveitando meu aniversário durante este ano, pretendo publicar esta nossa entrevista na Internet em 2008. Dizem que estão muito perto de poder chegar ao passado. Acho isso impossível, mas os entendidos dizem que será possível publicar, hoje, dados escritos na antiga rede mundial de computadores. E as pessoas não saberiam que os textos viriam do futuro. Se isso realmente for possível, coisa de que duvido, no final daquele século irão pensar que eu sou um profeta visionário e doido. Rirão das minhas idéias otimistas – porque o mundo passou por apertos até 2090 e tornou-se mais impossível ainda concebê-lo como está hoje. E eu, vendo os incrédulos morrer, relembrei o nascimento dessa nova humanidade, tão mais linda, tão almejada, tão paraíso!

Mas, sinceramente, acredito que essa viagem no tempo, tão almejada pelo homem, nunca acontecerá. Mesmo que seja apenas por textos.

Porque acredito que a vida parte sempre daqui. E para frente.



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br